

O ENSINO DA HANSENÍASE EM CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DO CEARÁ

Paula Sacha Frota NOGUEIRA^(1,2,3), Patrícia do Nascimento SILVA^(2,3), Caroline Mary Gurgel Dias FLORÊNCIO^(1,2), Liana Mara Rocha TELES^(1,3), Emanuel Ferreira de SOUSA^(1,2), Cristina Oliveira da COSTA⁽²⁾, Rayane Lima da SILVA^(2,3), Lara Brasil PLUTARCO^(1,2), Jamile Vieira NOBRE^(1,2), João Victor Teixeira de CASTRO⁽²⁾, Ihasmyne da Silva SOUSA^(1,2)

UFC - Universidade Federal do Ceará⁽¹⁾, LADES - Liga Acadêmica em Doenças Estigmatizantes⁽²⁾, NEESP - Núcleo de Estudos em Enfermagem em Saúde Pública⁽³⁾

Introdução: Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), um sexto da população mundial possui uma ou mais Doença Negligenciada (DN) totalizando mais de um bilhão de pessoas. Mesmo com a redução de casos nos últimos anos, a hanseníase ainda permanece no topo das DN prevalentes no Brasil. O desconhecimento da população sobre a doença somado ao despreparo dos profissionais de saúde contribui para a manutenção da cadeia de transmissão. Os profissionais de saúde pouco sabem sobre a temática e tal deficiência pode estar relacionada à ausência do conteúdo nos cursos de graduação da área da saúde. **Objetivos:** Avaliar o ensino sobre hanseníase no curso de graduação em enfermagem de Instituição de Ensino Superior (IES) federal situada em Fortaleza - Ceará. **Metodologia:** Trata-se de um estudo do tipo transversal, descritivo-exploratório. A amostra foi composta por 44 acadêmicos matriculados no primeiro e último semestre de curso de graduação em Enfermagem. A coleta de dados ocorreu por meio de um formulário eletrônico autoaplicável, enviado por e-mail. O formulário contou com dados sobre idade, sexo, renda, informações sobre o ensino da hanseníase na formação acadêmica. Ao final, foi aplicado um teste de conhecimentos envolvendo 10 questões objetivas sobre hanseníase, que abordou agente etiológico, transmissão, população cometida, medidas de proteção, formas clínicas, diagnóstico, classificação operacional, tratamento, alta por cura, e avaliação neurológica. As respostas ficaram armazenadas em planilha de dados em nuvem gratuita (*Google Drive*), vinculada ao e-mail da pesquisadora. A pesquisa foi aprovada por comitê de ética em pesquisa sob o parecer nº 3.358.467. **Resultados:** A amostra foi composta por 24 (54,5%) acadêmicos do primeiro semestre e 20 (45,5%) acadêmicos do último semestre, com média de idade de 22,6±6,3 anos, sexo feminino (93,2%; 41) e renda familiar entre 1 e 3 salários mínimos (50,0%; 22). Trinta e nove estudantes (88,6%) já conheciam a hanseníase, ocorrendo na escola esse primeiro contato predominantemente. Todos os acadêmicos do último semestre afirmaram ter contato com o tema durante a graduação. A abordagem mais utilizada foi aula expositiva (40,0%; 20), com carga horária de 12 a 20 horas (55,0%; 11). A maioria dos estudantes do último semestre (70,0%; 14) considerou estas abordagens satisfatórias para sua formação, entretanto, 60,0% (n=12) referiu não se sentir apto para executar atividades de enfermagem dentro das ações de controle da hanseníase. No do teste de conhecimentos observou-se que os estudantes do primeiro semestre apresentaram melhor desempenho nas questões de conhecimento básico, como agente etiológico e população acometida com 100% de acerto, já os do último semestre demonstraram conhecimento suficiente em todo o teste, onde a alta por cura foi o tema com apenas 50% de acertos. **Conclusões:** Diante do exposto, percebe-se que o ensino em hanseníase foi parcialmente satisfatório para o conhecimento teórico, porém não o suficiente para o reconhecimento de autonomia e capacidade para a prática profissional, segundo a visão do aluno. Assim, faz-se necessário uma reestruturação na carga horária oferecida, visando assim, à formação de profissionais qualificados e aptos a atuar frente às ações de controle da hanseníase.

Palavras-chaves: Avaliação educacional, Educação em enfermagem, Hanseníase